

Análise de Dados de Pesquisa Qualitativa em Saúde

Stella R. Taquette¹

¹ Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. stella.taquette@gamil.com

Resumo. Na saúde predominam estudos quantitativos e pesquisadores têm dificuldade na aplicação dos métodos qualitativos, em especial na análise de dados textuais. Por outro lado, muitos problemas na saúde carecem de abordagens compreensivas para serem solucionados. Este artigo sintetiza conhecimentos sobre análise de dados qualitativos: organização e decomposição de dados textuais, descrição, categorização, análise e interpretação. Discute-se como interpretar de forma a ultrapassar o senso comum e a abandonar a referência do modelo das ciências naturais. Problematisa-se as dificuldades do pesquisador em articular as conclusões que surgem dos dados com conhecimentos mais amplos ou mais abstratos para reduzir a distância entre a teoria e a prática de pesquisa. Argumenta-se sobre questões relativas à validade, confiabilidade e triangulação. Por último, apresentam-se algumas abordagens do material qualitativo: análise de conteúdo, análise de discurso, hermenêutica-dialética e perspectiva clínico-qualitativa, assim como o uso de softwares de análise de dados textuais.

Palavras-Chave: análise qualitativa, validade e confiabilidade, hermenêutica, métodos de processamento de texto.

Data analysis of qualitative health research

Abstract. The quantitative studies prevail in health studies and researchers face difficulties in the application of qualitative methods, especially in the analysis of textual data. On the other hand, several health problems require comprehensive approaches to be solved. This article summarizes knowledge of qualitative data analysis: organization and decomposition of textual data, description, categorization, analysis and interpretation. It discusses how to interpret data in order to overcome common sense and leave the model number of the natural sciences. It discusses the researcher's difficulties to articulate the conclusions that emerge from the data with more abstract and broader knowledge to reduce the gap between theory and practice research. It discusses questions concerning the validity, reproducibility of results and triangulation. Finally, some approaches to qualitative material are presented: content analysis, speech analysis, hermeneutics-dialectics and clinical-qualitative perspective, as well as the use of textual data analysis software.

Keywords: qualitative analysis, validity and reproducibility of results, hermeneutics, word processing methods

1 Introdução

A maioria dos estudos desenvolvidos na grande área das ciências da saúde utiliza o método quantitativo que é lógico, experimental e matemático, com predileção pelo fenômeno extenso, que cultiva pretensa objetividade e neutralidade, é hipotético-dedutivo, replicável e generalizável (Demos, 1985). Os que fogem a essa regra são realizados geralmente por pesquisadores que não exercem funções diretamente nas práticas em saúde, como os profissionais das ciências humanas e sociais.

De acordo com Denzin e Lincoln (2010), a pesquisa qualitativa é um campo de investigação que atravessa disciplinas e temas, que pode ser considerado um grande guarda-chuva que recobre diferentes abordagens usadas para descrever, compreender e interpretar experiências, comportamentos, interações e contextos sociais. As abordagens qualitativas na saúde abarcam também diversas teorias e modelos de estudo, como etnografia, estudo de caso, história oral, análise

documental, dentre outros (Victora, Kanuth, & Hassen, 2000). Neste artigo se assume o conceito de Minayo (2013), segundo o qual as pesquisas qualitativas se ocupam de um nível de realidade tratado por meio da história, da biografia, das relações, do universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, das atitudes e manejam técnicas variadas para o trabalho empírico.

A escassa utilização do método qualitativo nas pesquisas em saúde, principalmente por profissionais de formação mais específica como os médicos tem suas raízes na falta de conhecimento em ciências humanas (Taquette, 2015). O curso médico da maioria das escolas de medicina do Brasil ainda é essencialmente técnico, baseado nas ciências naturais, o que leva o médico a agir e pensar usualmente segundo a lógica racionalista (Almeida, 1999). Isso dificulta o aprendizado de temas mais subjetivos. O curso é voltado para aquisição de habilidades para realizar procedimentos complexos exigidos para agir frente às diversas patologias. Por outro lado, o objeto de ação do médico é o ser humano cuja existência é influenciada pela história, pelas relações sociais e pelos afetos. O funcionamento do corpo na saúde e na doença é mediado por esses fatores socioculturais e emocionais, como já afirmava Fleck (2010), no século passado, referindo-se à importância de se observar o peso dos fatores externos ao indivíduo na gênese das enfermidades.

As condições de vida e trabalho qualificam de forma diferenciada a maneira pela qual as pessoas pensam, sentem e agem a respeito da saúde e da doença. Assim, é imprescindível compreender os determinantes sociais que conduzem a vida dessas pessoas. As abordagens qualitativas buscam compreender essa realidade que os números indicam mas não revelam. Canguilhem (1982) ressalta que a medicina é uma das ciências mais intimamente ligadas ao conjunto da cultura, pois qualquer transformação nas concepções médicas é condicionada pelas mudanças histórico-sociais. Portanto, muitos problemas que se apresentam nas práticas em saúde, para serem conhecidos necessitam de abordagem qualitativa.

No ciclo da pesquisa qualitativa, a etapa que apresenta maior complexidade para aqueles que têm formação essencialmente técnica é a de análise de dados (Minayo, 2012). As críticas às pesquisas qualitativas desenvolvidas por quem não tem formação em ciências humanas ou sociais se referem principalmente à superficialidade com que abordam a realidade social, pela incapacidade de debater os dados empíricos e por falhas na aplicação consistente e aprofundada da teoria (Gomes, 2012; Carta ao editor, 2012; Canesqui, 2011).

Diante do exposto, este artigo apresenta uma síntese de conhecimentos teóricos e práticos sobre a análise de dados textuais com o objetivo de auxiliar os profissionais de formação mais técnica nos seus estudos qualitativos em saúde.

2 Considerações gerais sobre análise de dados qualitativos

Os dados de pesquisa qualitativa em sua maioria são textuais. A fase de análise destes dados tem como finalidade estabelecer sua compreensão, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa, responder às questões formuladas e assim ampliar o conhecimento sobre o tema investigado.

Existem diversas técnicas de análise de dados qualitativos que podem ser utilizadas. Porém, nada impede que cada pesquisador crie uma nova, faça adaptações nas técnicas existentes ou as aperfeiçoe. Em qualquer técnica de análise, a interpretação é a principal ação da pesquisa, está presente em todo o seu processo e constitui a parte essencial da análise. Durante a coleta de dados a análise já está ocorrendo, diferente dos estudos quantitativos que só a iniciam após a finalização da pesquisa de campo. É esta pré-análise que permite a utilização do critério de saturação para determinação do tamanho amostral nos estudos qualitativos.

Muitas vezes após a finalização da coleta de dados, estes não são suficientes para se estabelecer conclusões. Nestes casos, deve-se voltar ao campo para complementar com as informações faltantes. Essas idas e vindas ao campo são características das investigações de natureza qualitativa. Elas permitem através da interpretação dos dados o alcance de maior proximidade do conhecimento da realidade, ultrapassando a instância do senso comum. Esta etapa, entretanto, depende fundamentalmente da capacidade interpretativa do pesquisador e não somente dos instrumentos de coleta de dados. Os conceitos dos profissionais de saúde e das pessoas que vivenciam a doença nem sempre têm o mesmo significado, o que pode levar a interpretações equivocadas. Um trabalhador pode achar mais grave uma gripe do que a hipertensão arterial, pois a primeira pode ser mais sintomática do que a última. Um mesmo sintoma pode ter significados diferentes para pessoas de níveis sociais distintos. Por exemplo, a sensação de plenitude pós-prandial pode ser prazer ou dor, dependendo do paciente. Portanto, no trabalho interpretativo deve-se tirar o máximo de ideias do texto, analisar comparativamente as ideias novas que aparecem, aquilo que confirma e o que rejeita os pressupostos iniciais, o que este leva a pensar de maneira mais ampla.

Um questionamento frequente em relação aos resultados dos estudos qualitativos é a sua representatividade e validade. Estas estão relacionadas à capacidade de compreensão do significado do fenômeno estudado e descrição densa em seus contextos e não à sua expressividade numérica. Nas pesquisas qualitativas a quantidade é substituída pela intensidade, pela imersão profunda. O número de pessoas não é o mais importante e sim ver a questão sob várias perspectivas e compreender o fato social que está sendo investigado. Também não há preocupação com generalizações.

Esse questionamento sobre a representatividade e validade é decorrente da tentativa de se ter o modelo positivista das ciências naturais como referência nas pesquisas qualitativas, não se levando em conta a especificidade dos objetos de estudo que precisam de abordagens compreensivas para serem conhecidos. A finalidade de uma abordagem qualitativa não é contar opiniões e pessoas. Seu propósito é explorar o espectro de opiniões e as diferentes representações acerca de um assunto. Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem somente das mentes individuais. Em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais.

Na análise dos dados o pesquisador deve ter cuidado para não se deixar levar por conclusões precipitadas, aparentemente nítidas e transparentes. Quanto maior a familiaridade que o pesquisador tem em relação àquilo que está pesquisando, maior poderá ser sua ilusão de que os resultados sejam óbvios. Muitos pesquisadores têm dificuldade de articular as conclusões que surgem dos dados concretos com conhecimentos mais amplos ou mais abstratos. Isso provoca um distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática de pesquisa.

O pesquisador qualitativo deve ter flexibilidade no trabalho de campo, que é sempre mais surpreendente e rico do que o imaginado e planejado. Quando o pesquisador se prende muito aos métodos e técnicas pode acabar esquecendo os significados presentes em seus dados, desconsiderando aspectos importantes do campo, devido à restrição de questionamentos dos procedimentos metodológicos.

Nas pesquisas quantitativas se exige uma postura neutra sob pena de se incorrer em vieses na investigação, que invalidariam o conhecimento produzido. Nos estudos qualitativos a postura é diferente, pois não se concebe que existam pesquisas com neutralidade absoluta por se tratar de seres humanos. Neste tipo de pesquisa o pesquisador tem menor controle sobre os procedimentos de coleta de dados que têm caráter mais subjetivos. O que se propõe é que o pesquisador tenha consciência da interferência de seus valores na seleção e no encaminhamento do problema estudado. A tarefa do pesquisador é reconhecer o viés para poder prevenir sua interferência nas conclusões. É fundamental a explicitação de todos os passos da pesquisa para evitar o viés do

pesquisador. O cientista social Howard Becker (1999) chama esta explicação de “história natural” das conclusões. Ou seja, é necessário que todos os passos da pesquisa sejam explicitados nos relatórios e artigos científicos produzidos nas pesquisas. Quanto mais o pesquisador tem consciência de suas preferências pessoais, mais ele é capaz de evitar o viés, ao contrário daqueles que trabalham com a ilusão de ser orientado apenas por considerações científicas.

3 Bases do tratamento de dados qualitativos

Alguns termos estruturantes que fundamentam a investigação qualitativa devem ser conhecidos e estar contidos numa análise qualitativa: os substantivos experiência, vivência, senso comum e ação social e os verbos compreender e interpretar (Minayo, 2012). A experiência é o que o ser experimenta no mundo, as ações que realiza. Ela se expressa na linguagem e é mediada pela cultura. A vivência é o produto da reflexão pessoal sobre a experiência, ou seja, o que para aquela pessoa ela representa. Uma mesma experiência pode ser vivenciada diferentemente por dois indivíduos. O senso comum é o conjunto de conhecimentos advindos das experiências e vivências dos indivíduos e se constitui de opiniões, crenças, modos de pensar, agir, sentir e se relacionar. A ação humana é a que os indivíduos fazem para construir suas vidas nas condições que encontram na realidade. O verbo compreender significa exercer a capacidade de se colocar no lugar do outro, levando em conta a singularidade e subjetividade do sujeito no contexto histórico e social em que se insere e interpretar se funda na compreensão, na elaboração de possibilidades sobre o que é compreendido. O tratamento de dados qualitativos didaticamente pode ser dividido em 3 etapas interligadas entre si: descrição, análise e interpretação. Na descrição trabalha-se de forma que as opiniões dos diferentes informantes sejam preservadas da maneira mais fiel possível. Na análise procura-se ir para além do que é descrito. Traça-se um caminho sistemático que busca, nos depoimentos, das relações entre os fatores. Ela produz a decomposição de um conjunto de dados, procurando as relações entre as partes que o compõem. Uma de suas finalidades é expandir a descrição. A interpretação pode ser uma sequência da análise e pode também ser desenvolvida após descrição. Sua meta é a busca de sentidos das falas e das ações para alcançar a compreensão ou explicação para além dos limites do que é descrito e analisado. Essas etapas de tratamento dos dados qualitativos não são mutuamente excludentes, nem possuem fronteiras claras entre si. São apenas perspectivas de tratamento de dados qualitativos que podem não co-existirem formalmente. Na pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2013), a interpretação é o ponto de partida (porque inicia com as próprias interpretações dos atores) e é o ponto de chegada (porque é a interpretação das interpretações).

Descrição dos dados

Trata-se da organização do material textual. Os dados podem ser agrupados e classificados em estruturas diversas como, por exemplo, por tipo de interlocutor (profissionais, pacientes, gerentes, educadores), por local da coleta de dados (escolas, serviços de saúde, bairros), ou por tipo de instrumento de coleta (entrevistas, grupos, diários de campo, relatórios).

Os dados textuais que advêm de gravações devem ser conferidos com a gravação original, quando não é o entrevistador que as transcreve. À medida que se lê reiteradamente as transcrições, introduzem-se marcações para ressaltar as ideias que vêm à mente. Os dados coletados devem ser guardados cuidadosamente, pois são únicos e insubstituíveis. Após 5 anos podem ser destruídos para que não sejam utilizados indevidamente.

Análise

A análise se inicia com a leitura atenta dos dados textuais, com releitura compreensiva para se impregnar de seu conteúdo, dispor de uma visão de conjunto e apreender as particularidades presentes. A partir desta leitura exaustiva se pode identificar o corpo principal dos dados e separar o que não diz respeito diretamente ao interesse do estudo. No diálogo que se estabelece entre o pesquisador e seu interlocutor, frequentemente outros assuntos são ventilados que podem ser descartados da análise pois fogem ao objetivo da investigação.

A partir da identificação do corpo principal do texto pode-se organizá-lo por temas relevantes e a dar início ao processo de categorização. Quando identifica-se um tema relevante, que pode ser, por exemplo, um dos itens do roteiro de entrevista, faz-se recorte e colagem do texto, organizando numa mesma “gaveta” ou arquivo as falas de todos os entrevistado sobre o mesmo. Neste momento se inicia outra etapa de leitura, agora do arquivo com os recortes e colagens das falas, na tentativa de entender qual a mensagem que os interlocutores estão dando sobre o tema, que significado tem para eles o assunto elencado. Pode-se neste momento criar categorias classificatórias. Para isso deve-se: observar as estruturas de relevância do texto, o que é comum nas narrativas e o que é divergente; fazer comparações entre os grupos; buscar ideias que estão por trás dos textos, ou seja, ir além das falas e dos fatos descritos; identificar e problematizar as ideias explícitas e implícitas; buscar sentidos mais amplos (socioculturais) atribuídos às ideias; dialogar com informações de outros estudos acerca do assunto e referencial teórico da pesquisa

Esta classificação deve estar ancorada à abordagem teórica adotada pelo pesquisador e ser contextualizada. Para compreendermos o contexto das falas não basta analisarmos a narrativa. É necessário reconstruir as condições sociais e históricas de produção que lhe deram origem. A contextualização pode ser feita através dos seguintes passos:

- 1) Descrição das situações espaço-temporais onde a narrativa foi produzida;
- 2) Compreensão dos campos de interação em que elas se situam (regras e convenções);
- 3) Verificação das Instituições sociais (composição familiar, serviços de saúde, grupos de ajuda);
- 4) Análise da estrutura social;
- 5) Análise das convenções de gênero.

A categorização dos dados é um classificação dos mesmos. Significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. As categorias podem ser estabelecidas antes do trabalho de campo: são conceitos mais gerais e mais abstratos. Isso requer uma fundamentação teórica sólida por parte do pesquisador. Ou então podem ser formuladas a partir dos dados coletados no campo. Estas categorias são mais específicas e concretas.

Interpretação

A última fase da análise dos dados é a interpretação. Trata-se da elaboração uma síntese entre a dimensão teórica e os dados empíricos: faz-se um diálogo entre a fundamentação teórica adotada, informações de outros estudos e as narrativas dos pesquisados para buscar sentidos mais amplos. Pode-se utilizar como recurso metodológico para melhor interpretação, a triangulação, que se processa por meio do diálogo de diferentes métodos, técnicas, fontes e pesquisadores (Gomes, Souza, Minayo, Malaquias, & Silva, 2006). Olha-se para a organização dos dados com o uso da imaginação para melhor compreensão sobre o assunto, propondo conceitos e teorias que proporcionem novos e úteis sentidos e usos à comunidade. É feita uma reinterpretação dos atores sociais sobre os fatos sociais, desvelando modelos subjacentes às ideias, iluminando pontos

obscuros, construindo novas teorias e estabelecendo novos conceitos e conhecimentos. Podem ser feitas inferências a partir da abordagem teórico-conceitual adotada no estudo. A interpretação deve ter como norte responder aos objetivos da pesquisa buscando a compreensão mais ampla do tema em estudo em que o significado encontrado deixa de ser do sujeito e passa a ser do grupo social. Não se trata do senso comum e deve estar fundamentada pela teoria exposta na introdução do trabalho. Quando se chega somente a uma conclusão que já se tinha antes não precisava fazer a pesquisa.

4 Abordagens do material qualitativo

A forma de análise, interpretação e inferências pode ser realizada a partir de diferentes abordagens teórico-conceituais. A abordagem mais frequentemente utilizada é a análise de conteúdo. Além desta, sem esgotar o assunto, são apresentadas as seguintes abordagens: análise de discurso, hermenêutica-dialética e análise clínico-qualitativa.

Análise de conteúdo

É um conjunto de técnicas de análise de comunicação que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (Bardin, 1979). É a mais usual abordagem analítica de dados em investigação com métodos qualitativos. Ela é baseada na contagem da frequência da aparição de características nos conteúdos das mensagens. É uma técnica que objetiva a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação. Ela está para a pesquisa qualitativa como a estatística está para a quantitativa. As categorias construídas pela análise de conteúdo são achados mudos, cabendo ao pesquisador fazer a discussão/interpretação dos resultados.

A análise de discurso

Seu objetivo básico é realizar uma reflexão geral sobre as condições de produção e apreensão da significação de textos produzidos nos mais diferentes campos de modo a compreender seu funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção de seus sentidos. Suas técnicas visam inferir, a partir dos efeitos de superfície (a linguagem e sua organização), uma estrutura profunda: os processos de sua produção. Diferentemente da análise de conteúdo, a análise de discurso procura entender o sentido dado pelo sujeito às palavras e não a seu conteúdo transparente e simples (Caregnato & Mutti, 2006). Ela parte do pressuposto que a linguagem está condicionada pelas estruturas macrossociais e, ao mesmo tempo, esta condiciona estas estruturas, ou seja, o discurso é determinado por condições de produção e por um sistema linguístico. Na análise de discurso visa-se conhecer as construções ideológicas do texto, ou seja quais ideologias estão por trás das falas dos interlocutores.

Análise hermenêutica dialética

A hermenêutica é a disciplina que se ocupa da arte de compreender textos. Na lógica hermenêutica, ao analisarmos a linguagem, nem sempre se chega a uma compreensão verdadeira. Ela não é considerada como transparente em si mesma. O traço essencial do compreender é o fato de que o

sentido peculiar é sempre resultante do contexto, do todo. Compreender implica a possibilidade de interpretar, de estabelecer relações e extrair conclusões em todas as direções. Essa compreensão se torna concreta quando inclui a história, na medida em que assim se operam as vinculações concretas de costumes e tradições. Também significa estar exposto a erros e a antecipações de juízos. Para se ter mais possibilidade de compreender é necessário que as ideias iniciais não sejam arbitrarias. Por outro lado, a tarefa da hermenêutica se baseia na polaridade entre familiaridade e estranheza, buscando esclarecer as condições sob as quais surge a fala. A hermenêutica oferece as balizas para a compreensão do sentido da comunicação entre os seres humanos. A linguagem é o terreno comum de realização da intersubjetividade e do entendimento. Sob a ótica da hermenêutica, entender a realidade que se expressa num texto é também entender o outro, é entender-se no outro. Porém, esta compreensão só é possível, segundo a dialética, se houver um “estranhamento” do texto, ou seja, a necessidade do entendimento nasce do fracasso da transparência da linguagem (Minayo, 2002).

O investigador deve procurar ao máximo contextualizar o seu texto (através de dados históricos e sociais) e adotar uma postura de respeito pelo mesmo, ou seja, ele sempre terá algum teor de racionalidade e de sentido. O sentido a ser buscado pelo pesquisador é aquele que o interlocutor quis expressar, e não uma verdade essencialista. Um estudo bem conduzido é aquele em que se o sujeito de pesquisa estivesse presente compartilharia com os resultados da análise.

A hermenêutica busca a compreensão e a dialética estabelece uma atitude crítica. O exercício dialético considera como fundamento da comunicação as relações sociais que são historicamente dinâmicas, antagônicas e contraditórias entre classes, grupos e culturas. Uma mesma linguagem pode ter diferentes significados conforme a classe social. Interesses coletivos podem unir as classes e interesses específicos podem as contrapor. Qualquer texto deve ser lido em função do contexto em que foi produzido na medida em que nada se constrói fora da história.

Alguns autores visualizam uma relação profícua e complementar entre a hermenêutica e a dialética, sendo esta relação útil para a compreensão de dados textuais. A ideia da complementaridade entre os métodos hermenêutico e dialético é defendida pela cientista social e pesquisadora Maria Cecília Minayo em seu livro “O desafio do conhecimento” (2013) e é a forma de análise defendida por ela como a que mais capacita o pesquisador a se aproximar da realidade. Para ela, um método compensa as limitações do outro. Há uma integração dialógica e crítica entre eles. A práxis hermenêutica busca alcançar o sentido do texto penetrando no passado, na tradição, no outro, no diferente. A dialética enfatiza a diferença, o contraste, a dissensão e a ruptura do sentido.

A hermenêutica e a dialética foram desenvolvidas por movimentos filosóficos diferentes, porém ambas consideram fundamentais as condições históricas de qualquer pensamento e ambas partem do princípio que não há observador imparcial. O pesquisador é parte da realidade que investiga e tanto a hermenêutica como a dialética questionam a capacidade do tecnicismo de compreender a realidade, desvendam os condicionantes da produção intelectual (pré-conceitos, tradição, poder, interesses) e valorizam a práxis. Na proposta dialética para análise de dados qualitativos, a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para ser melhor compreendida. Neste método de análise não há consenso e nem ponto de chegada no processo do conhecimento. Os resultados da pesquisa em se constituem sempre numa aproximação da realidade.

Análise Clínico-Qualitativa

Trata-se de um método de análise elaborado pelo pesquisador e médico psiquiatra Egberto Ribeiro Turato (2003) que o classifica como uma particularização e um refinamento da metodologia qualitativa genérica, através da união entre aos métodos clínicos e teorias epistemológicas

elaboradas para a pesquisa nas áreas sociais. Seu método é sustentado em 3 pilares básicos: a atitude existencialista da valorização de elementos como angústia e ansiedade, ambos presentes na existencialidade do sujeito; a atitude clínica da acolhida dos sofrimentos emocionais da pessoa com escuta atenta; e a atitude psicanalítica do uso de concepções vindas da dinâmica do inconsciente do indivíduo. Trabalha com conceitos da psicologia médica e teorias psicodinâmicas na interpretação dos significados trazidos pelos sujeito. Seus conceitos básicos são: inconsciente, desejo, transferência e contratransferência, mecanismos de defesa do ego, ganho secundário, perdas e luto, atos falhos. As etapas da análise clínico-qualitativa são:

- 1) Descrição do achado: explanação com apresentação e exemplificação com citações literais dos pesquisados
- 2) Apresentação das interpretações: elaboração de hipóteses conclusivas em interlocução com teorias do quadro de referências
- 3) Procura de dados de falseabilidade: achados contraditórios no mesmo material e nas teorias existentes
- 4) Comparação com outros estudos qualitativos e quantitativos: debate junto à literatura com outros estudos já realizados com integração multidisciplinar

Uso do computador na análise de dados textuais

Os softwares existentes no mercado não fazem a análise para o pesquisador, apenas são instrumentos de ajuda de organização dos dados. Os novos conceitos e teorias se constroem no campo, ou seja, surgem à medida em os dados vão sendo analisados. Alguns softwares tentam ser inteligentes, como, por exemplo, fazendo perguntas ao pesquisador quando determinada fala aparece no texto, semelhante às categorias já estabelecidas.

Alguns exemplos de softwares de análise de dados textuais:

- 1) ALCESTE: software francês de análise quantitativa de dados textuais. Utiliza o método fatorial, analisa a frequência de aparecimento de determinada palavra nos discursos dos indivíduos
- 2) NVIVO: software que permite organizar e analisar conteúdos de entrevistas, discussões em grupo, artigos, etc.
- 3) DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (Lefèvre & Lefèvre, 2002): método e software desenvolvido por pesquisador brasileiro, Professor Titular da Faculdade de Saúde Pública da USP, faz uma soma das qualidades do texto.

5 Conclusões

São variados os caminhos a seguir na análise de dados qualitativos, porém todos exigem rigor na aplicação dos procedimentos. A análise qualitativa não prescinde do uso de técnicas formais para o tratamento dos dados, assim como nos métodos quantitativos. Diferentemente deste último, na pesquisa qualitativa a análise já acontece desde o início da coleta de dados, durante e após a finalização do trabalho de campo.

Ao relatar os resultados da pesquisa é de grande importância o pesquisador descrever todos os passos seguidos com transparência, informando possíveis vieses e limitações do estudo. Devem ser descritos como se deu a coleta de dados e seu registro, os critérios de amostragem e os aspectos éticos envolvidos. A via percorrida na decomposição do material analisado deve estar clara, assim

como as interpretações e suas bases teóricas, apoiadas na evidência e em diálogo com a literatura atualizada.

Referências

- Almeida, M. J. (1999) *Educação médica e saúde. Possibilidades de mudança*. Londrina, PR: Ed. UEL.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Becker, H.S. (1999). *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, SP: Hucitec.
- Canesqui, A.M. (2011). Sobre a presença das ciências sociais e humanas na saúde pública. *Saúde e Sociedade, 20(1)*,16-21.
- Canguilhem, G. (1982). *O normal e o patológico*. (2.ed). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitário.
- Caregnato, R. C. A. & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto Enfermagem, 15(4)*, 679-84.
- Carta ao Editor (2012). Sobre fazer ciência na pesquisa qualitativa: um exercício avaliativo. *Revista de Saúde Pública;46(2)*,392-394.
- Demo, P. (1985). Ciências sociais e quantidade. In P. Demo (Org.). *Ciências sociais e qualidade*. São Paulo, SP: Almed.
- Denzin. N. K. & Lincoln, Y. S. (2010). Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In N. K. Denzin & Y, S. Lincoln (Orgs). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. (2ª Ed). Porto Alegre, RS: Editora Artmed.
- Fleck, L. (2010). *Gênese de desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte, MG: Fabrefactum.
- Gomes, M.H.A. & Silveira, C. (2012). Sobre o uso de métodos qualitativos em Saúde Coletiva, ou a falta que faz uma teoria. *Revista de Saúde Pública, 46(1)*, 160-5.
- Gomes, R., Souza, E.R., Minayo, M.C.S., Malaquias, J.V., & Silva, C.F.R. (2005). Organização, processamento, análise e interpretação dos dados: o desafio da triangulação. In M. C. S. Minayo, S. G., Assis, & E. R., Souza. (Orgs). *Avaliação por triangulação de métodos*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Fiocruz.
- Lefèvre, F. & Lefèvre, A.M.C. (2003). *O discurso do sujeito coletivo*. Caxias do Sul, RS: EDUCS.
- Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva, 17(3)*, 621-626.
- Minayo, M.C.S. (2002). Hermenêutica-Dialética como caminho do pensamento social. In M. S. S., Minayo MCS, & Deslandes, S. (Orgs.). *Caminhos do Pensamento – Epistemologia e Método*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Fiocruz.

Minayo, M.C.S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (13ª Ed). São Paulo, SP: Editora Hucitec.

Taquette, S. R. (2015), Minayo, M.C.S. The perceptions of medical researchers on qualitative methodologies. *Cadernos de Saúde Pública*, 31(4), 1-11.

Turato ER. (2003). *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Victora, C. G., Kanuth, D.R., & Hassen, M.N.A. (2000). *Pesquisa qualitativa em saúde. Uma introdução ao tema*. Porto Alegre, RS: Tomo Editorial.